



Festa do Rosário em Curitiba (2009-2015): religiosidade afro e a disputa pela memória na cidade

SERPEJANTE, Andresa Pereira (UEPG)*

Dresinhaps@hotmail.com

RESUMO

A Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito em Curitiba, que hoje é conhecida como igreja das almas, foi construída no ano de 1737, por duas irmandades, cujos nomes se assemelham ao nome da capelinha erguida pelos escravizados e libertos no século XVIII. Nesse mesmo período e ao longo do século XIX, além de ser espaço destinado para a sociabilização dos negros que circulavam por Curitiba, sendo estes os protagonistas do local, simbolizava também um espaço de identificação e de identidade negra a partir das Irmandades Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, demarcando a presença negra na cidade. Proporcionava visibilidade a essa camada social, que tinha sua marginalidade legitimada tanto pelo Estado quanto pela Igreja católica. Com o advento do século XX, e outro ambiente de sociabilidade negra se configurando em Curitiba, a utilização da igreja por outras etnias, a presença dessas pessoas na igreja, passou a ficar apenas no acompanhamento das missas em homenagem aos falecidos membros da Sociedade 13 de Maio. Demolido em 1931, foi reconstruído no estilo barroco, ficando pronto somente em 1945. Das características da pequena capela fundada pelos negros, restou apenas alguns azulejos remontados nas paredes para rememorar as origens da igreja. A tentativa de rememorar um passado, cujas celebrações e festejos eram feitos sob os cuidados dos cativos e libertos pertencentes às Irmandades, foi ressignificada pela Festa do Rosário no século XXI, com as necessidades e os anseios do presente. A Festa do Rosário, iniciada em 2009, é realizada por indivíduos de algumas casas de candomblé e umbanda no espaço da igreja, se desdobrando em outros lugares da cidade. Assim este trabalho, fruto do desdobramento da minha pesquisa de mestrado, se dispõe a discutir em que medida a Festa do Rosário (2009-2015), contribui para a reconstrução de uma memória da presença negra, em Curitiba no século XXI, a partir da ocupação da Igreja Nossa Senhora do Rosário e do cortejo realizado no centro da cidade. Para tanto, é necessário compreender, a composição do centro de Curitiba: alguns de seus projetos artísticos, suas construções e o próprio projeto de urbanização da cidade.

Palavras-chave:

Festa do Rosário, memória, identidade

* Graduada em História pela Universidade Tuiuti do Paraná (2012). Mestranda em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2015).



Introdução

Quando se fala na história da presença negra em Curitiba, tende-se por diversos motivos, (entre eles a historiografia tradicional que negligenciou a importância dos povos indígenas e negros na construção do território paranaense, principalmente a de sua capital), imaginar que esta presença se deu ou de forma concomitante com a imigração de origem europeia ou quase inexistiu, quando na verdade ela antecedeu-a em séculos. Podemos dizer então que Curitiba reconfigurou-se com a chegada de imigrantes ao final do século XIX e início do século XX. Na atualidade, esse mosaico, formado por várias etnias, é perceptível através de ícones artísticos elaborados no auge do movimento paranista do início do século XX, assim como a Praça do Japão, o Bosque do Alemão, a Praça da Ucrânia, entre outros espaços projetados nas décadas finais do século passado. No entanto, existem elementos, para além da historiografia revisada dos anos 90, que apontam para uma história, que se opõem a memória e identidade paranaense iniciada no Paranismo e ressignificada por seus entusiastas nas décadas seguintes.

A Festa do Rosário, é um evento de cunho religioso que ocorre em Curitiba e celebra o mês da Consciência negra. A primeira edição do evento foi no ano de 2009, como parte integrante do Festival Paranaense do Samba, tornando-se no ano seguinte, um evento a parte do Festival².

Na comemoração, mais precisamente o início dela, há fala de representantes de vertentes religiosas como da comunidade Hare Krishna, dos muçulmanos, Igreja de Deus e da igreja católica. O discurso desses representantes gira em torno do desejo de paz, tolerância e respeito ao sagrado.³ No que confere aos candomblecistas e umbandistas, é ressaltado que a presença afrodescendente na história da capital paranaense está materializada com a igreja do Rosário. Sob liderança do coletivo Centro Cultural Humaitá, este ato cerimonial, é intercalado num primeiro momento, por cânticos do candomblé e umbanda, posteriormente do Hare Krishna e, por conseguinte os cânticos

² Disponível em: <https://informativocentroculturalhumaita.wordpress.com/igrejadorosario/>. Acesso em: 18/11/2015.

³ Disponível em: <https://informativocentroculturalhumaita.wordpress.com/igrejadorosario/>. Acesso em: 18/11/2015



oriundos do catolicismo. Ao pesquisar Festa do Rosário, que ocorre nas localidades de Curitiba no dia 20 de novembro, pode-se observar que o evento indica uma resistência. No caso da Festa do Rosário, podemos perceber um esforço desses grupos culturais que participam, do desejo de manutenção e existência do grupo.⁴ Para tanto, recorre-se a elementos históricos como a importância das Irmandades negras, que existiram em Curitiba, como uma das formas de legitimação.

Irmandades de Homens de cor e seus espaços de devoção

De caráter religiosa, as Irmandades foram associações originárias da Europa Medieval, disseminadas a partir da Reforma Tridentina⁵. Estas, tinham por objetivo difundir o culto aos santos e santas a partir da valorização destes pela religiosidade leiga. Toda essa movimentação leiga, vai se fazer presente em Portugal, na África –cujo infiltramento português se deu no século XV- e conseqüentemente na América portuguesa. Assim, quando os colonizadores buscaram expandir seus territórios, também levaram em paralelo a busca de domínios, a expansão da fé católica. Enviaram missionários incumbidos de disseminar o cristianismo, instalaram suas igrejas e propiciaram o nascimento de irmandades, que por vezes restritas e seletas exigiam de seus pretendentes além da -pureza de sangue-⁶ situação econômica considerável como em alguns casos no Brasil e em Portugal. Dessa forma, os africanos trazidos para América, em um sistema escravista implantado pelo Estado e legitimado pelo catolicismo, aparentemente encontrar-se-iam fadados a estarem a margem dessas confrarias, sem possibilidade alguma de gozar de suas benfeitorias. No entanto, podemos constatar em uma análise apurada de Marina de Mello e Souza, que o "pré contato" com o cristianismo em regiões como Congo e Angola produziu uma soma da cultura local com a recém levada na bagagem dos portugueses, originando o que o John Thornton chamou de catolicismo africano, cujos princípios posteriormente, foram um dos aspectos que serviriam como base na elaboração dos festejos das irmandades negras no Brasil.⁷ A

⁴ SERPEJANTE, Andresa P. **A Lavação**. Itene. Curitiba. 2014.

⁵ KÜHN, Fábio. **“Um corpo, ainda que particular”**: irmandades leigas e Ordens Terceiras no Rio Grande do Sul colonial. Disponível em: <http://viamaohistoria.com.br/4713-15388-1-SM.pdf> Acesso em: 10/12/2014

⁶ WEBER, Silvio Adriano. **Escravidão e Irmandade Negra nos Campos de Curitiba (1797-1850)**. Monografia UFPR, 2005.

⁷ de MELLO e Souza, Marina. **Reis do Congo no Brasil, séculos XVIII e XIX**. Revista de História, núm. 152, junho, 2005, pp. 79-98 Universidade de São Paulo.



própria devoção a Nossa Senhora do Rosário remonta-se a esse período de “pré-contato”. Segundo Maristela dos Santos Simão, no século XV em Portugal, a expressiva devoção a santa que coincide com o intenso tráfico de africanos, popularizou a devoção da Nossa Senhora do Rosário entre os africanos e seus descendentes nos séculos seguintes, tanto em Lisboa quanto nas extensões do Reino. A autora aponta também, como um dos motivos para tal popularidade, o fato de ser uma das poucas confrarias a não exigir recursos financeiros e tão pouco fazer distinção de cor.⁸

Mas por hora voltemo-nos ao contexto do Brasil, que ainda em época colonial no século XVI foi espaço de surgimento de diversas irmandades negras como as intituladas que funcionavam como associações de ajuda mútua, como tentativa de amenizar as mazelas provocadas pela escravidão e a busca por uma inserção social. Anderson José Machado de Oliveira, ao ir além na análise sobre o surgimento e funcionamento dessas confrarias, identifica que o grande número de africanos e descendentes destes no Brasil, principalmente no ápice do tráfico negreiro, foi um dos fatores impulsionadores para elaboração de um projeto específico de controle desta população. Projeto este, que não estava dissociado do processo de cristianização.⁹ Portanto, para este esquema de catequização, foram permitidos e estimulados a esses indivíduos, a criação de irmandades. A devoção as santas e santos negros, também partiu de um esforço da Igreja, para que os chamados "homens de cor", vissem nesses santos *exemplos de virtudes Cristãs* a serem seguidas.

Regiane Augusto de Mattos, fez uma observação quanto a interesses e categorias de cor no aspecto da composição dessas associações,

As Irmandades eram divididas de acordo com a cor da pele e a condição Social, existindo aquelas compostas somente por livres, outras por escravos e libertos. Havia ainda as que eram distintas aos brancos e outras apenas aos negros. A origem era outro critério adotado para a composição dessas associações. Os portugueses, por exemplo, formaram as irmandades de Nossa Senhora das Angústias e da Ordem Terceira de São Domingos.¹⁰

Em um primeiro momento, esse processo de formação de irmandades no Brasil, poder-se-ia parecer simples e homogêneo se não olhássemos atentamente para a

⁸ SIMÃO, Maristela dos Santos. **As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e os Africanos no Brasil do século XVII**. Dissertação de mestrado Universidade de Lisboa, 2010.p. 28.

⁹ OLIVEIRA, Anderson José M. de. **Devoção e identidades: significados do culto de Santo Elesbão e Santa Efigênia no Rio de Janeiro e nas Minas Gerais no Setecentos**. Pág 61.

¹⁰ MATTOS, Regiane de. **História e Cultura Afro-brasileira**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 164.



expressão “homens de cor”. Circunscritos nessa denominação, haviam os africanos, os crioulos (negros nascidos no Brasil) e pardos, que por vezes, compunham associações diferentes mediante esta classificação. Nesta singularidade, encaixava-se também, as chamadas nações, como mina e gege.¹¹

Oliveira, ao investigar o culto a São Elesbão e a Santa Efigênia no Rio de Janeiro nas Minas Gerais setecentista, aponta que para além do controle posta pela catequização, essas instituições significavam espaço de possibilidade de construção de identidades étnicas, pois por meio da ressignificação dos símbolos religiosos cristãos, as (...) *reapropriações do mesmo, delinearam formas de resistências culturais de africanos e seus descendentes na sociedade colonial.*¹²

No início, os interessados utilizavam-se dos altares laterais das igrejas de outras ordens, porém para sua continuidade, outra igreja deveria ser edificada pelo próprio grupo que quisesse promover esse tipo de organização. Assim, a Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito em Curitiba, foi construída por homens livres que pertenciam as Irmandades do Rosário e a de São Benedito no ano de 1737. Entre as funções desses irmãos, estava o dever de organizar os festejos dos Santos padroeiros, ajudarem na realização das missas, e a reza para os membros falecidos.¹³ Todos os cuidados para com a Igreja estavam sobre a responsabilidade desses irmãos, o que lhes permitiam de certa forma, uma espécie de autonomia, bem como constituírem uma identidade, que também lhes permitiam inserir-se em uma sociedade pautada por valores cristãos.

O espaço que aparentemente não havia restrições quanto ao comportamento dos negros, além do fato de se apresentarem como bons cristãos e terem bons costumes, fora utilizado como matriz no período de reconstrução da Catedral nos anos de 1875 a 1893, após esta ser demolida. O fato dos fieis terem que utilizar a Igreja Nossa Senhora do Rosário, não foi tratado como algo indiferente, “na procissão de transferência de objetos de adoração, as senhoras não se conformavam de ter que rezar na igreja de suas aias”¹⁴.

¹¹ Anderson José M. de Oliveira, salienta que, as denominações quanto a origem de determinados grupos de africanos no Brasil, se deu não necessariamente por suas origens reais, e sim a partir do nome das localidades nas quais esses foram embarcados.

¹² Disponível em: http://revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi12/topoi12a3.pdf Acesso em:20/08/2015

¹³ MATTOS, Regiane de. **História e Cultura Afro-brasileira**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 177.

¹⁴ LEÃO, Ermelino A. **Dicionário Histórico e geográfico do Paraná**. Curitiba: IHGEP, v. 5 1998.p.



Se o século XVIII e XIX podem ser percebidos como períodos de maior proximidade dos negros com a Igreja do Rosário, o mesmo não se pode dizer do século XX, a igreja dos pretos, fora espaço novamente solicitado, mas dessa vez para sediar a realização das missas dos imigrantes poloneses, situação que se prorrogou até o ano de 1909. Em 1938, a Nossa Senhora do Rosário foi demolida tendo sido inaugurada apenas em 1946 ao estilo Barroco tardio.

Juntando-se a esses fatores, houve o surgimento da Sociedade formada por cativos e libertos ainda no final do século XIX, a Sociedade 13 de Maio. Os registros do próprio Clube, fazem menção a Igreja dos negros, como local onde se ordenará a reza de missa para homenagear os fundadores da Sociedade, bem como a todos os seus respectivos associados falecidos¹⁵.

Portanto os festejos, e os momentos de sociabilização, tomaram formas e espaço diferente, se configurou fora do espaço do sagrado, pois tais comemorações não faziam relação alguma com os eventos religiosos. Comuns no período pós Abolição e bem articulados no decorrer do início do século XX, os Clubes Sociais Negros vão representar lugares de memória negra em praticamente todo o país.¹⁶ Segundo Nora, os lugares de memória ao mesmo tempo em que são materiais, também são simbólicos e funcionais. Para o autor, esses lugares são responsáveis pelo desencadeamento da memória coletiva que se faz a partir “*do que fica do passado no vivido dos grupos ou o que os grupos fazem do passado*”.¹⁷

Em Curitiba, a disputa da memória e identidade afro na cidade, também vai ser tecida no campo historiográfico e no simbólico, uma vez que o projeto de construção de identidade paranaense/curitibana atravessou os séculos e agregou novos elementos. Pedro Rodolfo Bodê de Moraes e Marcele Garcia de Souza, ao problematizarem a invisibilidade do negro e suas consequências, destacam que a concepção e configuração arquitetônica da cidade, o discurso da *intelligentsia* e o projeto político governamental foram questões impulsionadoras para a invisibilidade negra na Capital.¹⁸

¹⁵ Livro **Ata da Sociedade 13 de Maio**. Curitiba. 1945.

¹⁶ ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes Sociais Negro**: lugares de memória resistência negra, patrimônio e potencial. UFSM, 2010.

¹⁷ NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

¹⁸ MORAES, Pedro Bodê de, SOUZA, Marcilene Garcia. **Invisibilidade, preconceito e violência racial em Curitiba**. Revista de Sociologia e Política Nº 13: 7-16 NOV. 1999. p. 8.



A Festa do Rosário ao ocupar simbolicamente a antiga igreja comandada pelas Irmandades dos negros até fins do XIX, estabelece uma das disputas pela memória na cidade, ou seja, entre a memória oficial e as memórias trazidas nos discursos de uma nova leitura da cidade. Sendo assim, nenhum grupo se forja no processo cultural de determinados contextos, sem o conflito com o outro. Se o grupo busca constantemente reafirmar aquilo que eles são, é por que tem muita coisa em torno deles, dizendo que não são. Ao tratar de memória e identidade social, exibindo os caminhos pelos quais ocorrem o processo de construção de identidade, Pollak entende que das diversas questões possíveis neste processo, a memória vai desempenhar um papel importante, cujos elementos que a compõe são: os acontecimentos vividos pessoalmente e os que ele chama de "vividos por tabela"¹⁹. Para o autor,

É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase herdada. (...) podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação.²⁰

Portanto, ao entendermos que a Igreja Nossa Senhora do Rosário é um espaço de sociabilidades observa-se que a Festa do Rosário é orientada como um mecanismo de mobilização em torno da crença e da cultura em um espaço que, em determinado contexto, representou a presença negra na cidade. Assim, ao entendermos que a memória é um conjunto de lembranças organizada pela história. A história se utiliza do passado para construir essas narrativas.

Referências.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra medo branco**; o negro no Imaginário das elites século XIX. RJ: Paz e Terra, 1987.

¹⁹ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. p. 02.

²⁰ POLLAK. *op. cit.* p. 02.



BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BOXER, C. R. **A igreja e a expansão ibérica(1440-1740)**. Trad. M. de Lucena B. E Sá Contreiras. Lisboa: Edições 70, 1981.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

COSTA, Hilton e Silva, VINICIUS, Paulo. (org.) **Notas de história e Cultura afro-brasileiras**. Ponta Grossa. EdUEPG/UFPR, 2007..

CURITIBA AFRO. Curitiba: Centro Cultural Humaitá, 2013.

FERRARINI, Sebastião. **A Escravidão Negra na Província do Paraná**. Curitiba: Litero-técnica, 1971.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. – 7ª ed. Editora DP&A. São Paulo, 2002.

IANNI, Octavio. **As metamorfoses do Escravo**. São Paulo: Hucitec, 1968.

KÜHN, Fábio. “**Um corpo, ainda que particular**”: irmandades leigas e Ordens Terceiras no Rio Grande do Sul colonial. Disponível em: <http://viamaohistoria.com.br/4713-15388-1-SM.pdf> Acesso em: 10/12/2014

LEÃO, Ermelino A. **Dicionário Histórico e geográfico do Paraná**. Curitiba: IHGEP, v. 5 1998.p.

LIMA, Carlos A. M. e MOURA, Ana Maria da Silva. **Devoção & Incorporação**. Igreja, escravos e índios na América Portuguesa. Curitiba: Editora Peregrina, 2002.

LUCENA, Francisco Carlos, LIMA, Jorge dos Santos. **Ser Negro**: Um Estudo de Caso sobre “identidade negra”. Revista Saberes, Natal, v.1, n.2, maio, 2009.

Livro Ata da Sociedade 13 de Maio. Curitiba. 1945.

MATTOS, Regiane de. **História e Cultura Afro-brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 164.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Ser escravo no Brasil**. Editora Brasiliense.1982.

MORAES, Pedro Bodê de, SOUZA, Marcilene Garcia. **Invisibilidade, preconceito e violência racial em Curitiba**. Revista de Sociologia e Política Nº 13: 7-16 Nov. 1999.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto



História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: vol.5, n. 10, 1992.

SANTOS, Marcio André. **Negritudes posicionadas**: as muitas formas de identidade negra. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. p.9.

SILVA, Nelson F. Inocencio da. **Consciência negra em cartaz**. Brasília: Ed UNB, 2001.

VALENTE, Ana Lúcia E.F. **Ser Negro no Brasil Hoje**. 11 ed. São Paulo: Moderna, 1994.

WEBER, Silvio Adriano. **Escravidão e Irmandade Negra nos Campos de Curitiba (1797-1850)**. Monografia UFPR, 2005.